

Ulysses ignora provocações

Para o grupo de Covas, imagem do governo vai derrotá-lo

Ele quase disse que não era candidato. Percebeu o erro no meio da frase, e corrigiu a rota, que, agora sim, "o PMDB ainda não escolheu seu candidato à Presidência da República". Depois, resolveu ignorar a primeira pedra colocada no caminho pelo partidário de Mário Covas, Antônio Perosa, simplesmente dizendo não acreditar na sua existência, apesar de ter tropeçado nela.

Perosa que, publicamente, depois de reunir, ele e outros constituintes, com o ex-governador Leonel Brizola, afirmou que Ulysses Guimarães, se ganhar a Convenção do PMDB, não vencerá as eleições presidenciais. Nem ele, nem Quéricia — exatamente seu maior sustentáculo político no momento, além da Constituinte, claro.

Ulysses preferiu ignorar a pedra, talvez para dar tempo a que Perosa a retire do caminho — o que já não é possível e, se fosse, não adiantaria nada — dizendo não acreditar que o constituinte paulista tenha feito tal declaração, porque "ele é meu amigo". Escolheu, politicamente, culpar a imprensa, dizendo que "esta deve ser mais uma daquelas notícias, que não correspondem à verdade dos fatos".

A afirmação de Perosa, se não corresponde à verdade absoluta dentro do PMDB, traduz o temor que habita as avaliações de diversos constituintes do partido, especialmente as lideranças mais importantes: o medo de que a sombra do Governo, da qual o presidente do PMDB ainda não conseguiu se libertar apague o brilho no palanque de Ulysses Guimarães.

Semana passada, o deputado Egidio Ferreira Lima — um político de sólida formação teórica — dizia que "Ulysses está no seu apogeu", que "toda sua história parece convergir para este momento", e que o presidente da Constituinte "é" — o verbo está no presente — "imbatível na Convenção". Quanto às eleições... "isso é outra coisa".

O líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, também não se nega a admitir a possibilidade de derrota de Ulysses Guimarães, até porque ela existe, concretamente, para qualquer candidato mas, para o presidente da Constituinte, essa possibilidade se torna mais forte, pela aderência, à sua figura, da imagem desgastada e desgastante do Governo.

Segundo Fernando Henrique Cardoso, não será fácil, a Ulysses Guimarães, livrar-se desse "tártaro". Mas, "não é impossível". E isso se deve à experiência e ao talento político do presidente do PMDB, capaz de subir, do pé para o topo da montanha, utilizando apenas uma frase. O elevador mais recente foi a junta militar de 69.

A declaração do deputado Antônio Perosa, na verdade, não se constitui em nenhum obstáculo, mas apenas desvendou o que até então vinha sendo mantido sob uma capa de invisibilidade: a pedra no caminho

de Ulysses é o próprio Ulysses. Ou, mais exatamente, a mancha governista que, também por sua responsabilidade, colou-se à sua imagem. Livrar-se dela é a tarefa a que se propôs o vice-presidente da República.

E ele vem fazendo isso com rara — no seu caso é comum — competência. Esse processo de descolamento da imagem do Governo, Ulysses o deixou evidente quando da saída do ministro Bresser Pereira. Mas foi com a referência aos "três patetas" que ele convenceu à grande maioria de seu partido que a sua rota não tem desvios, se depender apenas de sua vontade.

O objetivo disso tudo é a Presidência da República. O passaporte é a Assembleia Nacional Constituinte. Por isso a pressa em concluí-la, no máximo, até o dia 21 de abril. Ulysses aposta nela, como seu maior cabo eleitoral. Seus amigos políticos, também.

E um grupo ainda pequeno, o dos que assumem, ou adotam, o selo de articuladores da candidatura de Ulysses Guimarães, mesmo que informalmente. Até porque o presidente do PMDB desestimula passos mais largos, no momento: Luiz Henrique, Renato Archer, Ibsen Pinheiro, Manoel Moreira, Cid Carvalho, Genebaldo Correia, Israel Pinheiro Filho e, mais recentemente, Ubiratan Aguiar.

Ainda contidos, esses constituintes aguardam apenas a definição do mandato presidencial, que deverá acontecer nesta, ou na próxima semana, no máximo, para acelerar a campanha de Ulysses Guimarães que, aparentemente, se manterá à parte. E permanecerá nessa posição até o final da Constituinte.

Assumir o jogo, agora, poderia abrir brechas importantes para os ataques adversários, comprometendo sua autoridade como condutor do processo de elaboração do texto constitucional e, conseqüentemente, minando sua candidatura.

De qualquer forma, o grupo mais chegado a Ulysses vai pensando sua campanha, mas conscientes, os seus integrantes, de que funcionarão apenas como auxiliares, já que Ulysses é dono e senhor da própria marca. Mudá-la, depende quase que exclusivamente dele.

E é isso que o presidente do PMDB vem fazendo ultimamente, dentro de seu projeto de chegar à Presidência da República. As atitudes como presidente da Constituinte, o comportamento — antes frio e distante, agora mais solícito e descontraído — diante da imprensa, tudo demonstra que Ulysses é, ele próprio, seu principal "lua preta".

E o deputado Manoel Moreira quem diz: "A imagem do doutor Ulysses tem que ser trabalhada, mas ele próprio, por si mesmo, está mudando; essa evolução, que vem se tornando cada vez mais evidente, ele sabe fazer melhor do que ninguém".

ARQUIVO



Perosa diz que Ulysses pode vencer na convenção mas não chega à Presidência

Planalto já tem nome para ocupar o Inamps

O presidente José Sarney pretende indicar até quarta-feira o médico maranhense José de Ribamar Pinto Serrão para substituir Hésio Cordeiro na Presidência do Inamps. A informação partiu de fontes do Palácio do Planalto, embora tenha sido contestada ontem por toda a assessoria da Previdência Social, inclusive pelo próprio candidato, que ali ocupa uma das secretarias gerais adjuntas. A substituição de Hésio, ligado à esquerda, tem sido vista como uma

forma de constranger o ministro da Previdência, Renato Archer, a pedir demissão, privando o candidato Ulysses Guimarães de um de seus principais apoios.

O nome de Serrão, segundo fontes da Previdência, já teria sido anteriormente apresentado pelo presidente e descartado pelo ministro Archer, que não o considerou apto a assumir o cargo. Assim, a insistência do Planalto em reapresentá-lo é apontada como forma de também definir a permanência ou não de Ar-

cher no Ministério.

A substituição de Hésio Cordeiro já foi alvo de discussões entre a Previdência e o Planalto. Archer apresentou o nome do secretário de Serviços Médicos do Ministério, José Felipe Saraiva, que embora aceito pelo presidente e apoiado pelo governador de Minas Gerais, foi vetado posteriormente. O veto originou-se do fato de Saraiva ser muito ligado ao governador baiano Waldyr Pires, com relações abaladas com o Planalto.

Haddad quer assinatura de Derzi prometendo renúncia

O senador Jamil Haddad (PSB-RJ) aproveitará a próxima sessão do Senado para requerer do senador Saldanha Derzi (PMDB-MS), líder do Governo, a confirmação, por escrito, de que ele aposta seu mandato como a Constituinte aprovará cinco anos de mandato para o atual Presidente da República.

Derzi foi interpelado, ontem, por vários parlamentares e confirmou sua intenção. Ele, inclusive, prontificou-se a fazer a aposta com o deputado Jorge Uequed (PMDB-RS), mas não houve acerto. Ficou só na conversa.

APOIO

As discussões em torno do período de mandato do presidente José Sarney estão dominando a Constituinte. Há até quem admita

a hipótese de o Presidente ficar seis anos, desde que seja adotado o regime parlamentarista. O levantamento do deputado Milton Reis (PMDB-MG), secretário-geral do partido, considerado o mais confiável dos vários que estão sendo realizados, indica uma supremacia para os cinco anos por 53 votos.

O senador João Menezes (PFL-PA) garante que o principal eleitor do mandato de cinco anos é o presidente Ulysses Guimarães (PMDB-SP), apesar de suas declarações em contrário. Ulysses também acabaria favorecendo o parlamentarismo, que, reconhece João Menezes, está com grande possibilidade.

"O meu raciocínio — observa Menezes — é muito claro. O PMDB sabe que se a eleição presidencial for

este ano terá de lançar o deputado Ulysses Guimarães como candidato, mas acontece que ele será um candidato fraco para enfrentar o Brizola. Acabará em terceiro lugar. Por outro lado, sabe que no fim deste ano, o Ulysses não será mais presidente da Câmara, nem da Constituinte e talvez nem o seja do PMDB. Vão, por isso mesmo, arranjar um cargo qualquer para ele, um primeiro-ministro simbólico, e apoiar os cinco anos".

No PDS, a maioria está decidida a votar pelos quatro anos. A esperança dos pedessistas é de obter o apoio do presidente do partido, senador Jarbas Passarinho (PA), para a proposta de eleições diretas este ano, que já estão aceitas pelo deputado Delfin Netto (SP), que antes chegou a defender seis anos para o presidente Sarney.

Líder pede paz a Senado e ACM

O ministro Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, recebeu um apelo do líder do Governo no Senado, Saldanha Derzi (PMDB-MS), para que suspenda seus ataques aos políticos. Derzi está preocupado com as conseqüências no Congresso da troca de ofensas entre vários senadores e o ministro.

Apesar da interferência de Derzi, que conversou com alguns parlamentares para que façam uma trégua, a disposição dos senadores é de não deixar o ministro em paz, investigando suas atividades. O senador Jutahy Magalhães (PMDB-BA) já afirmou que seu próximo encontro com Antônio Carlos Magalhães será na CPI da corrupção.

REAÇÕES

O clima no Senado em relação ao Governo, que vinha sofrendo um processo contínuo de deterioração,

agravou-se com as declarações do ministro das Comunicações e o anúncio, feito no anonimato por um titular do 1º Escalão, de que existia um dossiê no Palácio contra os senadores. Vários deles teriam cometido crimes eleitorais. Esse dossiê foi desmentido, com habilidade, pelo ministro Ronaldo Costa Couto, do Gabinete Civil, em nota que o presidente da CPI, senador José Ignácio (PMDB-ES), considerou uma "verdadeira espada de Damócles".

A situação piorou com as informações, divulgadas por fontes do Palácio, de que o inquérito da Cosipa deixaria muito mal os senadores Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso. Ambos tiveram de ir à tribuna para desmentir a versão e desafiar o Governo. A crise maior ocorreu, porém, com a acusação de Antônio Carlos de que os políticos queriam ser independentes mas viviam pedindo canais de rádio e TV

e pelo menos dois teriam vendido suas concessões.

A reação dos senadores foi solicitar, através da CPI, a lista de todos os proprietários de rádio e TV. Eles têm certeza de que provarão haver o ministro Antônio Carlos Magalhães concedido canais para parentes bem próximos e amigos muito chegados. Está sendo estudada uma fórmula de demonstrar que, além das concessões familiares, ele beneficiou grupos nos quais tem interesse.

Essa retaliação preocupa Saldanha Derzi que a acha extremamente prejudicial ao Governo e aos políticos de um modo geral. Por esse motivo, está fazendo um apelo para que todo mundo esqueça o que foi dito e se comece vida nova. O Ministro pareceu-lhe sensível, mas nos senadores a disposição, até o momento, é de continuar a briga sejam quais forem as conseqüências.

EUGENIO NOVAES



Ulysses ontem, com Cabral: ignorando desafios